

Heterogeneidades enunciativas como estratégias argumentativas no *Twitter*

Carlos Eduardo Silva Pinheiro^{*}

Mariza Angélica Paiva Brito^{**}

Mônica Magalhães Cavalcante^{***}

Suzana Leite Cortez^{****}

Resumo: Neste trabalho analisamos as estratégias argumentativas desempenhadas pelas marcas das heterogeneidades enunciativas na rede social *Twitter*. Para tanto, defendemos uma interface teórica entre os pressupostos fundamentais da Linguística Textual e o aparato teórico da Linguística da Enunciação, de Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015). Por inscrever a subjetividade do locutor em seu dizer mediante a representação de si e dos outros na linearidade discursiva, partimos da hipótese de que essas marcas podem impulsionar a tomada de posicionamentos em relação ao dizer do próprio locutor e a outros dizeres, funcionando como estratégias argumentativas nos textos.

Palavras-chave: Linguística Textual. Heterogeneidades Enunciativas. Argumentação.

Abstract: In this work, we analyze the argumentative strategies performed by markers of enunciative heterogeneity within the social networking site *Twitter*. With this purpose, we argue for a theoretical interface between the fundamental assumptions of Text Linguistics and the theoretical framework of Linguistics of Enunciation, by Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015). By inscribing the subjectivity of the speaker in their speech through the representation of themselves and others in the discursive linearity, we hypothesize that these markers can prompt the stand taking in relation to the speaker's own speech as well as others', working as argumentative strategies in the texts.

Keywords: Text Linguistics. Enunciative heterogeneities. Argumentation.

Résumé: Dans ce travail, nous analysons les stratégies argumentatives jouées par les marques

^{*} Mestrando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). <http://orcid.org/0000-0002-4572-143X>

^{**} Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). <http://orcid.org/0000-0001-5375-5480>

^{***} Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Associada IV da Universidade Federal do Ceará (UFC). <http://orcid.org/0000-0002-5561-3993>

^{****} Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta 4 do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). <http://orcid.org/0000-0003-0983-0900>



d'hétérogénéités énonciatives dans le réseau social *Twitter*. Pour ce faire, nous défendons une interface théorique entre les hypothèses fondamentales de la Linguistique Textuelle et l'appareil théorique de la linguistique de l'énonciation d'Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015). En inscrivant la subjectivité de l'orateur dans son propos à travers la représentation de lui-même et des autres dans la linéarité discursive, nous partons de l'hypothèse que ces marques peuvent conduire à la prise de positions par rapport au propos de l'orateur et à d'autres propos, fonctionnant comme des stratégies argumentatives dans les textes.

Mots clés: Linguistique textuelle. Hétérogénéité énonciative. Argumentation.

Heterogeneidades Enunciativas e Representação do Discurso Outro (RDO)

Fundamentando-se em pressupostos da psicanálise freudo-laciana e do dialogismo de Bakhtin, Authier-Revuz (1998, 1999, 2004, 2007, 2008) estrutura sua abordagem enunciativa para o estudo da língua em torno de uma compreensão do sujeito como nem inteiramente livre e intencional, nem completamente assujeitado. Toma-se, nesse caso, o pressuposto de que o sujeito se supõe capaz de manobrar o seu dizer persuasivamente, tendo ele apenas uma ilusão de posse sobre as coisas que enuncia e que é manifestada na forma de marcas linguísticas que revelam a sua negociação obrigatória com a interferência constitutiva do inconsciente e do interdiscurso.

Acreditamos que a análise de como o sujeito, simultaneamente, se coloca e se esconde na linguagem mediante certos mecanismos linguísticos garantiria uma importante contribuição teórica para os estudos do texto, porque forneceria indícios de posicionamentos frente a crenças e valores da comunicação. É devido a essa proposta de deslocamento de uma compreensão do sujeito como “dono do dizer” para um sujeito “efeito de linguagem”, que defendemos a relevância, para a Linguística Textual (LT), das reflexões sobre a representação dos discursos outros no texto, sobre a incompletude do enunciado e sobre a clivagem do sujeito propostas pela teoria enunciativa do sentido encapsulada na tese das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz.

Assim, destacamos dois conceitos-chave da teoria de Authier-Revuz: o de *heterogeneidade constitutiva* e o de *heterogeneidade mostrada*. O princípio da heterogeneidade constitutiva da linguagem marca a natureza dialógica e não unívoca

dos textos. Reverbera-se, nesse conceito, a ideia bakhtiniana de que todo texto responde a textos anteriores. O princípio da *heterogeneidade mostrada* trata da manifestação linguística e textual das diversas vozes que ecoam nos textos e pode, conforme a teoria, representar-se de modo *marcado*, como nas vozes reportadas, ou *não marcado*, como na alusão ou no lapso de linguagem.

Se Authier-Revuz (1998) defendeu uma separação entre o caráter constitutivamente heterogêneo da língua e as formas de instanciação desse princípio nos textos e nos discursos foi, sobretudo, para resolver um problema metodológico, pois como seria possível analisar cientificamente um princípio constitutivo que atravessa todo e qualquer dizer? Como identificar e avaliar a alteridade se ela está em toda parte, constituindo a linguagem? A problemática dessa diferenciação reside na distinção que a autora propõe entre heterogeneidade mostrada marcada e não marcada.

Brito (2010) vê nessa diferenciação um problema, argumentando em favor da inclusão de fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como marcados. Para ela, o que Authier-Revuz considera como “marca” é apenas a sinalização tipográfica e, por vezes, léxico-gramatical realizada pelo locutor ao perceber a presença da alteridade em seu discurso. Assim, são tomadas como formas de marcação as aspas, o negrito, o itálico, entre outros recursos, enquanto casos como o equívoco presente no exemplo (1) abaixo seriam considerados como ocorrências da heterogeneidade mostrada não marcada:

1. Quantos aqui votaram em mim, até eu sendo *o mais ruim*?! O menos ruim, *melhor dizendo* (BOLSONARO, 2019. Grifos nossos).

Nesse exemplo, somam-se dois casos de heterogeneidade mostrada: o primeiro é a expressão “o mais ruim”, lapso que atravessa o dizer do locutor de modo aparentemente inocente, evocando textos e discursos outros acerca da fiabilidade e da competência do atual presidente Jair Messias Bolsonaro à época das campanhas eleitorais de 2018; o segundo é a marca de não coincidência do dizer “melhor dizendo”, que manifesta a passagem do lapso cometido para uma palavra-objeto que precisa ser

imediatamente ultrapassada, como uma pedra no meio do caminho do texto, exigindo uma outra elaboração, um nova enunciação, cujo efeito é a correção do equívoco.

Nos termos de Authier-Revuz, o primeiro caso seria um exemplo de heterogeneidade mostrada não marcada, pois o locutor não utilizou nenhum recurso gráfico ou léxico-gramatical para demarcar a presença de uma voz exterior. O segundo caso, por sua vez, seria um exemplo de heterogeneidade mostrada marcada revelada pela presença de uma expressão metaenunciativa que reflete sobre o estatuto do lapso cometido com fins de correção. Contudo, para Brito (2010), os dois casos colocariam em cena a heterogeneidade mostrada sendo, conseqüentemente, marcados. É através de análises desse tipo que a autora assume que as ocorrências dos lapsos, realizadas na forma de um sobressalto na fala, também são formas de marcação da alteridade, visto que, do ponto de vista psicanalítico, sempre haverá marcas linguísticas, pois as marcas não são, ou não são apenas, as que o enunciador percebe ou supõe perceber.

De acordo com Brito (2010), a aproximação revuziana entre a linguística e a psicanálise ocorre, sobretudo, devido ao olhar freudo-laciano sobre o sujeito falante, pois, contrariamente à imagem de um sujeito pleno e total, o sujeito psicanalítico é dividido, o que não quer dizer que ele seja assujeitado: significa apenas que ele se manifesta na e pela linguagem, como um efeito de linguagem revelado discursivamente pelas coerções do inconsciente manifestadas pelos tropeços na linguagem.

Atos falhos (erros: sobre lugares, tempos e pessoas...; esquecimentos, perdas, hesitações, gafes; lapsos de fala, de escuta, de escrita, de leitura, toda essa coleção de uma palavra por outra), os sonhos como produtos significantes de uma intensa atividade psíquica, a fala do corpo, cujas paralisias, dores, significativamente localizadas, gravidez psicológica, perdas de voz, por exemplo, constituem manifestações que escapam da vontade consciente do sujeito (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 49-50).

Também a psicanálise, especialmente a laciana, pressupõe a existência de dois níveis de alteridade, isto é, de duas formas de diálogos com as quais o sujeito é obrigado a lidar. Conforme explica Brito (2010), a teoria psicanalítica diferencia um “outro” grafado com um “o” minúsculo para referir-se ao outro interlocutor, aquele mesmo pressuposto nas teorias da enunciação, de um “Outro” grafado com “O” maiúsculo para

tratar de um diálogo com uma alteridade psíquica. Todavia, a autora esclarece que esse último não é, necessariamente, o inconsciente, mas uma instância psíquica para a qual nos dirigimos e, nesse movimento, deixamos escapar “desejos” através de marcas linguísticas nos textos.

De acordo com Authier-Revuz (2004), a consideração de um sujeito estruturalmente dividido implica nas tentativas que ele faz para ultrapassar esse estado de urgência de si e do outro pela restauração da univocidade de seu dizer. Ocorre que essa tentativa, balizada pelo uso de certos recursos linguísticos que manobram a presença das heterogeneidades enunciativas, é uma ilusão instaurada no imaginário do falante como parte integrante da atividade enunciativa.

Em outras palavras, a univocidade dos textos é apenas uma ilusão sustentada pelo sujeito através de certas estratégias linguísticas às quais ele recorre para tentar restaurar o aparente controle sobre seu dizer. São essas formas que Authier-Revuz (2004) descreve, caracteriza e sistematiza. Para a autora, elas apresentam um modo complexo de enunciar orientados por uma configuração enunciativa que ela convencionou chamar de modalização autonímica.

Quaisquer que sejam as suas formas de manifestação no texto, a modalização autonímica, configuração enunciativa pertencente ao campo da reflexividade linguageira, é sempre uma suspensão da evidência da naturalidade de uma nomeação. Derivada da noção semiótica de “conotação autonímica” proposta por Rey-Debove (1978), a modalização autonímica representa um modo de dizer complexo em que um elemento qualquer do texto é duplicado por sua própria representação de modo reflexivo e opacificante, isto é, as palavras, ao invés de simplesmente aparecerem no texto, perdem a sua transparência natural e são opacificadas pelo locutor que, simultaneamente, as usa e menciona, como se elas não fossem palavras quaisquer, mas palavras-objeto as quais a simples enunciação evoca, necessariamente, uma reflexão do locutor sobre o seu estatuto no texto.

Assim, são duas as condições suficientes e necessárias para que certas estratégias linguísticas possam ser identificadas como marcas de modalização autonímica no texto: o acúmulo de reflexividade e a opacificação de uma parte do texto, como em (2) *Faltou*

caridade, eu disse intencionalmente caridade, nessa questão. Nesse exemplo, a palavra “caridade” é apresentada e, em seguida, o locutor realiza um comentário metaenunciativo no qual reflete sobre o uso dessa palavra específica no seu dizer. Portanto, acumulam-se reflexividade e opacificação do termo, pois depois que tem seu estatuto revelado pelo locutor, a palavra “caridade” perde sua transparência natural e ganha o status de palavra-objeto dentro do texto. É como se o locutor orientasse o interlocutor a prestar mais atenção na palavra que foi utilizada.

São essas as duas condições da modalização autonímica: reflexividade e opacificação. Desse modo, não pertencem a esse campo: ocorrências de formas que não refletem nem opacificam uma parte do texto, como em (3) *Eu disse que ele não era caridoso*; formas que refletem, mas não opacificam uma parte do texto, como em (4) *Ele está doente, se você quer saber de tudo* ou formas que opacificam uma parte do texto, mas não refletem sobre ela, como (5) *A palavra “caridade” vem do latim.*

Como podemos ver, o gerenciamento das alteridades acontece de maneiras diversas, mais ou menos explícitas, em diferentes gêneros textuais. Authier-Revuz (2004) propõe o agrupamento dessas formas em seis tipos:

[...] 1) formas explicitamente metaenunciativas “completas”, comportando um *eu digo X'* (ex.: *X, eu emprego essa palavra se bem que; ela faz eu diria X'*; *o que eu chamo X'*); 2) formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X'*, subordinadas e sintagmas circunstanciais, posições (ex.: *X, se eu posso dizer, como se diz, por assim dizer, no sentido p, sem jogo de palavra...; X, palavra, expressão que...*); 3) formas explicitamente metalinguísticas, com um autônimo *X'* ou *Y'* (ex.: *X, a palavra X' é inconveniente; o Paulo diz X'...; o que Paulo chama X'*; *X, Paulo diz Y'...*); 4) formas sem elemento autônimo, ou sem elemento metalinguístico unívoco (ex.: *X, quer dizer Y; X ou Y; X, enfim, Y; X que; X, etc...*); 5) sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação [...] 6) formas puramente interpretativas (alusões, discurso indireto livre, jogo de palavras não marcado) que abrem para a “heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 19).

Brito (2010) assume que as heterogeneidades mostradas serão sempre marcadas, visto que a própria representação oral ou escrita constitui sua materialidade linguística nos textos. Decerto, se o lapso está no texto e pode ser identificado pelo analista ou pelo leitor atento como um salto, uma pedra no meio do caminho, um equívoco sobre cujo

estatuto se deve refletir, seriam necessárias outras marcas mais explícitas que as próprias letras para fazerem-no marcado? Não seria a própria materialização linguística uma forma de marcação? Se os questionamentos da autora a levam a reformular a tese revuziana, propondo a existência apenas de um grupo, as heterogeneidades mostradas marcadas, pensamos que é necessário também relacionar essas marcas aos efeitos de sentidos desencadeados por elas.

Concordamos com a afirmação de que todas as formas de heterogeneidade mostrada são marcadas, mas é importante ressaltar que os diferentes graus de explicitação dessas marcas podem ser relevantes para a análise de seus efeitos argumentativos. Assim, se estamos considerando que as escolhas textuais são sempre motivadas e orientadas por um projeto de dizer argumentativo, devemos também assumir que o uso de uma forma mais explícita de heterogeneidade, como nas formas do discurso reportado, ou de uma forma menos explícita, como a alusão, desempenha certas estratégias argumentativas particulares no dizer do locutor. Por isso, pensamos ser necessário refletir sobre a hipótese de que *o modo de explicitação das heterogeneidades é motivado por interesses persuasivos*.

Ainda sobre as heterogeneidades mostradas, Authier-Revuz (1998, 1999, 2004, 2008) evoca uma série de marcas linguisticamente descritíveis e identificáveis no cotexto de diferentes textos orais e escritos. Dessa forma, a autora estrutura um campo para a análise da representação da metadiscursividade ou, nos termos de sua teoria, da *metaenunciação*, já que identifica, classifica e analisa diversos fenômenos que, irreduzivelmente, relacionam-se às estratégias de negociação do sujeito com a dupla alteridade que se manifesta no fio do seu dizer. Sua perspectiva teórica é metaenunciativa pelo interesse em descrever marcas da alteridade nos modos de enunciar dos sujeitos

O cotexto, isto é, o fio do dizer, ou o modo como o discurso se instancia linguisticamente nas interações humanas, pode ser comparado à dinâmica de ondas sonoras mecânicas. Essa analogia será melhor compreendida se considerarmos o estado de uma propagação transversal, marcada pela aparição de cristas e vales em uma corda em repouso - o eixo da onda - ou, no nosso caso, o cotexto. Assim, as cristas, os pontos

mais altos de uma onda, seriam a instanciação da exterioridade discursiva, assumida marcadamente como fora do eixo da onda, revelando dois enunciados diferentes, um interior e outro exterior, como no caso das não coincidências do dizer em sua classificação clássica (Ex.: X, *para falar como Y* ou X, *no sentido de Y*).

De outro lado, os vales, os pontos mais baixos de uma onda, instanciam outras formas de exterioridade, nomeadamente as que são assumidas pelo locutor no cotexto, como uma assunção de responsabilidade do dizer exterior, como nas figuras de bem dizer (Ex.: X, *essa é a palavra adequada* ou X, *não existe outra palavra*). Finalmente, os nós, ou seja, os pontos de intersecção entre cristas e o eixo da onda ou entre vales e o eixo da onda, marcam o encontro cotextual entre o exterior e o interior. Trata-se, dessa vez, da presença não percebida do exterior, do arriscado apagamento do O/outro, revelado pelos lapsos de linguagens, alusões e outras formas implícitas de alteridade.

Constituindo-se como expressões linguísticas que revelam a negociação obrigatória do enunciador com a alteridade que atravessa constitutivamente o seu dizer, essas marcas são definidas por Authier-Revuz (1998, 1999, 2004, 2007, 2008) como formas de *modalização autonímica*, isto é, de um mecanismo enunciativo que torna o dizer seu próprio objeto, de modo que ele é, simultaneamente, usado e mencionado pelo locutor no seu dizer. Assim, as formas de modalização autonímica, a nosso ver, inscrevem a subjetividade do sujeito mediante a representação de si e dos outros no texto.

Numa tentativa de articular esses pressupostos da heterogeneidade enunciativa com as orientações argumentativas de um texto, podemos considerar que o sujeito é capaz de manobrar seu dizer em função de um *querer dizer* que, cremos, dá-se de um modo argumentativo através das escolhas que ele realiza no momento da enunciação. Certamente, esse relativo domínio sobre as coisas que enuncia ocorre de modo ilusório, pois o sujeito apenas tenta driblar, por meio do mecanismo de modalização autonímica, a presença da alteridade constitutiva do interdiscurso e do inconsciente.

Fonseca (2015) foi quem primeiro explorou os usos argumentativos das heterogeneidades enunciativas ao propor uma abordagem retórica para as não coincidências do dizer. O autor analisou a ocorrência desse tipo específico de

heterogeneidade enunciativa em artigos acadêmicos e artigos de opinião, gêneros discursivos cuja sequência textual dominante é a argumentativa, e relacionou as marcas encontradas às técnicas argumentativas da nova retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Desse estudo pioneiro, destacamos uma de suas principais contribuições: a discussão que o autor realiza em torno das semelhanças entre a teoria das heterogeneidades enunciativas e o dialogismo bakhtiniano. Para ele, a diferença fundamental entre essas duas abordagens é o fato de a primeira incluir em sua descrição da não-univocidade da língua as coerções do inconsciente e não apenas as da interdiscursividade, como propôs o dialogismo.

É por isso que precisamos ter ciência de que nem todos os tipos de marcação da heterogeneidade enunciativa são formas de Representação do Discurso Outro¹. Authier-Revuz (1999) já alertava para os eventuais equívocos que essas denominações, tomadas *a priori* como sinônimos exatos, poderiam causar ao analista. A diferença consiste no fato de que, enquanto a primeira encapsula todas as formas de alteridade possíveis, incluindo-se os fatos do inconsciente, a segunda diz respeito apenas às formas relacionadas ao que tradicionalmente se tem chamado de “discurso relatado”, isto é, o discurso direto, o discurso indireto, o discurso indireto livre e as formas que manifestam a presença de textos anteriores dentro de novos textos, isto é, fatos de intertextualidade.

Para Authier-Revuz,

Não é como “o lugar em que o enunciador leva em consideração a linguagem dos outros” que aparece a modalização autonímica, mas como aquele em que leva em conta “o outro” que atravessa sua linguagem, “outro” - tomado em um sentido muito geral - no qual se acha, *entre outras*, “a linguagem dos outros”. Isso equivale a dizer que a modalização autonímica não pertence, como tal, ao campo da representação do discurso outro, ou, se quisermos, não é uma “forma de discurso relatado”, como o são o discurso direto, o indireto ou a modalização

¹Segundo Doquet e Cortez (2018, p. 37), Authier-Revuz reuniu sob o rótulo de RDO “as formas de Discurso reportado na sua acepção tradicional (Discurso direto, Discurso indireto e Discurso indireto livre) e suas formas complementares (Modalização autonímica de empréstimo e Modalização como asserção segunda)”.

do dizer como discurso segundo (do tipo *segundo, para, de acordo com fulano*). Ela constitui uma configuração enunciativa mais geral, de autorrepresentação do dizer, *suscetível* de remeter explícita (em um subconjunto de suas formas) ou interpretativamente (no caso de sinais tipográficos, aspas, itálico) ao campo do discurso outro que emerge no dizer (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 11).

Se a própria definição de heterogeneidade constitutiva abarca as diferentes formas de manifestação da alteridade, seja essa alteridade da ordem do exterior interdiscursivo ou do inconsciente, então a RDO, sem dúvida, integra o campo mais amplo da heterogeneidade enunciativa. Para Authier-Revuz (2018), o termo RDO: i) evita a restrição “reportado”, abarcando o que “será, poderia ser, não foi dito, etc.”, ii) possibilita incluir dois modos de representação (modalização autonímica de empréstimo e modalização por asserção segunda) ao lado da trilogia do discurso reportado, iii) delimita pela especificação discurso outro: “um setor específico no campo do metadiscorso, excluindo – em oposição ao ‘discurso’ – a estrita reflexividade da autorepresentação do dizer em processo de elaboração” (p.18) e iv) inclui – “em oposição ao ‘discurso de outrem’ – tudo o que faz parte de um dizer do enunciador, outro diferente do aqui e agora” (p.18).

As heterogeneidades enunciativas como critérios para uma análise retórico-discursiva na Linguística Textual (LT)

Neste item, refletiremos sobre o emprego de marcas de heterogeneidade enunciativa como estratégias persuasivas relacionadas à construção argumentativa dos textos e, mais especificamente, à elaboração de pontos de vista. Pelo exposto, vimos que as palavras modalizadas de modo segmental e/ou suprasegmentais são “uma pedra no meio do caminho” dos sentidos do texto. Essas estruturas metaenunciativas refletem, assim, a superação de uma barreira (a falha constitutiva da linguagem) que precisa ser ultrapassada tanto por quem enuncia quanto por quem interpreta, para que a coerência textual seja, efetivamente, instaurada.

Dessa maneira, entendemos que existe, no trajeto entre a transparência e a opacidade das palavras no enunciado, um processo argumentativo complexo, visto que as escolhas enunciativas intencionais dão ao locutor a ilusão de controle do dizer e orientam o interlocutor para determinado “caminho de interpretação”, no qual o locutor simultaneamente se afirma e se defende de interpretações outras.

Tomamos as heterogeneidades enunciativas como um modo de enunciação que revela bem mais do que a presença do outro no fio textual, porque nos interessa examinar como a metaenunciação e a representação do discurso outro podem revelar propósitos argumentativos. Na escolha de certas expressões, em detrimento de outras, o enunciador vai construindo o seu viés argumentativo, em um jogo de esconde-esconde. Ao mesmo tempo em que ele se distancia do seu dizer, no uso de expressões de não coincidências do dizer, ele se coloca em uma situação de conforto, uma vez que se protege de qualquer acusação ao atrair o auditório para a sua teia (BRITO; PINHEIRO, 2018). Vejamos o exemplo:

Exemplo (6)



Fonte: Twitter.

Nesse exemplo, acumula-se o uso de três marcas de heterogeneidade

enunciativa. Em um primeiro momento, a expressão “terrivelmente evangélico”, representando a fala citada de um outro texto, é integrada ao enunciado, pois sua exterioridade não é verbalizada pelo locutor. Não ocorre, por exemplo, uma especificação da fonte da expressão citada, que seria se o enunciador dissesse: “De acordo com o site *O antagonista*, Jair Bolsonaro prometeu indicar um ministro ‘terrivelmente evangélico’”. Assim, escolhendo não manifestar explicitamente a fonte do segmento de texto citado, o locutor Sukarno Cruz parece assumir o enunciado como seu.

Todavia, cumpre reconhecer que o trecho aspeado não pertence ao locutor, mas à notícia que ele comenta. O locutor optou por representar o texto do outro como integrado a seu texto, sem um comentário que informasse a autoria da citação, provavelmente porque isso não lhe permitiria fazer o jogo de esconde e mostra, para proteger sua face e, ao mesmo tempo, não deixar de “dizer” o que pretendia. Esse tipo de jogo constitui uma formidável estratégia de persuasão, pois busca sutilmente influenciar o interlocutor, sem se responsabilizar por uma crítica ácida.

A essa modalidade de heterogeneidade enunciativa, aqui analisada como estratégia persuasiva, Authier-Revuz (2008) tem chamado de representação do discurso outro (RDO).

O exemplo mostra que o locutor verbaliza a presença do dizer do outro em seu enunciado através do discurso direto marcado com aspas: “O estado é laico, mas nós somos cristãos. Ou, para plagiar a minha querida Damares, nós somos terrivelmente cristãos”, atribuída ao presidente por inferência. Uma terceira marca ainda pode ser percebida, a saber, aquela do interior da fala do Presidente quando afirma que suas palavras são emprestadas. Assim, o enunciador, nesse caso Jair Bolsonaro, revela o lugar de origem da expressão “terrivelmente cristão”, que, segundo ele, é “plágio” de uma fala anteriormente situada da ministra Damares Alves. Ao atribuir à Damares o emprego original da expressão, a fala do Presidente insinua alinhar-se ao ponto de vista que a ministra defende e, em um mesmo movimento, situa seu próprio posicionamento. O locutor da notícia gerencia todas essas falas do outro e, sutilmente, assume um posicionamento crítico frente a esses dizeres.

No exemplo a seguir, temos a insistência do uso das aspas utilizadas como uma

forma de posicionamento. Conforme Brito, Cabral e Moraes (2017), Authier-Revuz (2004) encampa uma visão na qual as aspas fazem evidenciar uma atitude de reflexão sobre o dizer, uma atitude que manifesta uma aptidão para colocar “o locutor em posição de juiz e de dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219).

Exemplo (7)



Fonte: Twitter.

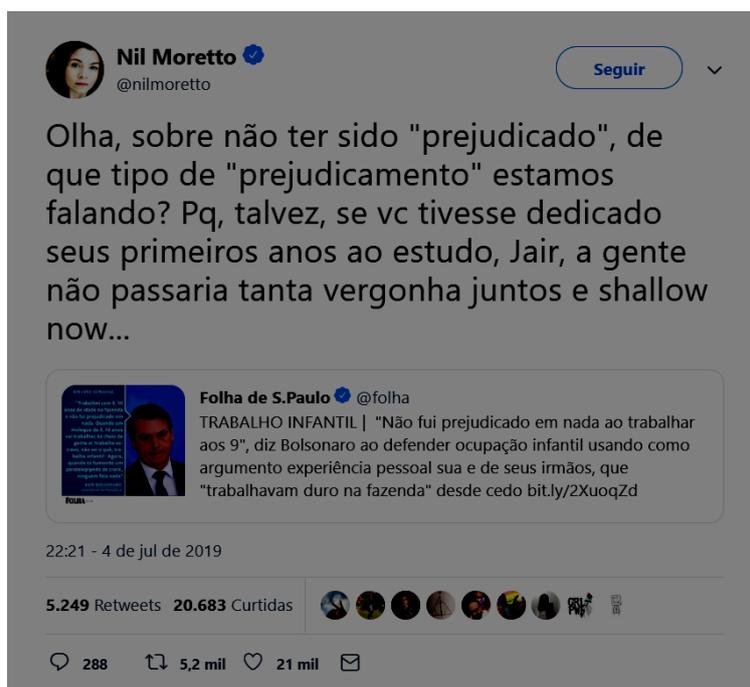
No exemplo, temos uma sobreposição de duas formas de representação do discurso outro, ou “modalizações de empréstimo”, como denomina Authier-Revuz (2008). A primeira delas é manifestada interpretativamente pelo uso das aspas para marcar a heterogeneidade que circunscreve os termos “cantora”, “homem” e “honesto”. Nesse trecho, vê-se um uso reflexivo dessas expressões por parte do locutor, que, pelo aspeamento, marca a inadequação ou estranheza dessas nomeações para entidades que, do seu ponto de vista, não podem ser nomeadas assim, como se dissesse “Não ousou

chamar Pablo Vittar de cantora, Thammy Miranda de homem e Lula de honesto!”.

Todavia, um interlocutor desavisado pode supor que o conteúdo verbal do texto é do locutor da postagem, mas, na verdade, é um empréstimo, uma citação com laçadas de conotação autonímica. Trata-se, em sua origem, de uma fala atribuída ao apresentador Ratinho, que, no vídeo anexado ao texto, diz: “A cantora mais sexy é homem, o homem mais sexy é uma mulher, é a Thammy, o homem mais honesto está preso e o João de Deus é do capeta!”.

As aspas são marcas de uma fala sob vigilância, uma fala que tem que ser mantida em um terceiro sentido. Desta forma, Authier-Revuz (2004) define o emprego das aspas como uma marcação do heterogêneo. Dizemos, então, que a voz de um outro se faz ouvir para estar a serviço de uma estratégia argumentativa. Corroboramos as palavras de Brito, Cabral e Morais (2017), para quem as aspas são um recurso de direcionamento consciente do dizer, não um lapso. Para os autores, o suposto controle do dizer, na verdade, serve a um propósito bem definido pelo locutor, o do uso persuasivo das aspas, pois implica um distanciamento do dizer ao mesmo tempo em que influencia o interlocutor em seu modo de ver, pensar e sentir (AMOSSY, 2018).

Exemplo (8)



Fonte: Twitter.

É interessante notar que, para Authier-Revuz (2004), as aspas indicam uma suspensão de responsabilidade, uma vez que, por meio delas, se “manifesta um questionamento do caráter apropriado da palavra ao discurso no qual é utilizada [...] correspondente a uma glosa, implícita, remetendo a um discurso-outro” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219). Isso aponta para a ideia das aspas funcionando sempre como marca de falta, como se o locutor dissesse “não convém, mas digo mesmo assim”.

No exemplo (8), a ocorrência dessas marcas está delimitada na expressão “prejudicada”, que remete à fala de Jair Bolsonaro colocada no corpo da notícia compartilhada. Além dessa, notam-se outras modalizações: a modalização autonímica de empréstimo interpretativa em “prejudicamento” e a modalização de empréstimo zero grau por meio da alusão à canção “Juntos”, interpretada por Paula Fernandes e Luan Santana, em “juntos e shallow now”. Authier-Revuz (1999) distingue a modalização de empréstimo interpretativa e a modalização de empréstimo grau zero para enfatizar os diferentes modos de explicitação do dizer do outro no texto.

Nesse exemplo, as aspas utilizadas em “prejudicada” permitem que o interlocutor perceba que essa palavra não está sendo usada em seu sentido transparente e, por isso, a apreensão da alteridade dá-se apenas de modo interpretativo, cabendo ao interlocutor capturar a exterioridade evocada. As aspas funcionam como uma pista que orienta a atenção do interlocutor e facilita a sua apreensão do que é exterior no texto. No caso da alusão, essa interpretação é prejudicada pelo apagamento das formas, pois o locutor não utiliza nenhum indício de que seu texto remete à canção “Juntos”. O trabalho de interpretação, nesse caso, dá-se menos pela presença de uma marca que sugere o exterior e mais pelos conhecimentos enciclopédicos do interlocutor.

Para Authier-Revuz (2004), a alusão é uma retomada não explícita de segmentos em sua linearidade, faz parte da modalidade autonímica, é um desdobramento – metaenunciativo – de um dizer que, em um determinado ponto, faz, ao mesmo tempo, uso das palavras para falar de “coisas” e é, por isso, um retorno, em menção, a essas palavras tomadas como objeto, para tecer sobre elas algum comentário. A alusão opera

o conjunto das formas de modalização autonímica “de empréstimo”, assinalando localmente um “eu falo aqui com palavras exteriores”, com citações. As aspas são uma marca separadora entre o exterior e o próprio das palavras que o enunciador escolheu em um processo de estabelecimento de fronteiras (AUTHIER-REVUZ, 2004), para representar o discurso outro.

Vemos que o comentário feito pela enunciativa não tem marcação nenhuma que remeta à música dos cantores sertanejos: “talvez, se você tivesse dedicado seus primeiros anos ao estudo, Jair, a gente não passaria tanta vergonha juntos e shallow now”. Para Brito, Falcão e Souza-Santos (2017), o locutor da postagem apelou para uma alusão provavelmente como uma confirmação de adesão, como se presumisse que atingiria um maior auditório, de quem esperaria convivência. Vale ressaltar que, por ser uma alusão, exige uma erudição maior do seu leitor quanto às informações implícitas. Os autores afirmam que as alusões marcam a negociação do sujeito com o outro dizer, circunscrevendo a exterioridade discursiva, e evidenciam o uso persuasivo das heterogeneidades enunciativas.

Considerações finais

As palavras nunca alcançam satisfatoriamente a tarefa de nomear o referente. As não coincidências do dizer exercem mais do que uma função de marcar a presença de outro enunciador, pois podem apontar para a existência de outro sentido, mostrar que um determinado signo é imperfeito para nomear determinada coisa, propor uma nova nomeação, convocar balizagem teórica exterior, entre muitas outras, conforme sugere Authier-Revuz (2004).

Vimos ainda que, pelas não coincidências do dizer, também é possível refletir sobre sentidos e referentes que se escondem e que se deixam trair pelo modo como são nomeados e pelo emprego de expressões de não coincidência entre vozes que se embatem.

Por fim, comentamos sobre um outro modo de heterogeneidade enunciativa: as diferentes maneiras de representação do discurso outro. Demonstramos, neste trabalho, como Authier-Revuz discute, ao tratar do uso das aspas, o poder que o locutor tem de gerenciar a fala citada ou parafraseada do outro, inserindo-as em seu próprio enunciado e modalizando o dizer de acordo com seus propósitos.

Evidentemente, a mobilização das marcas de heterogeneidade enunciativa pode ser avaliada, segundo a perspectiva da linguística textual, como um importante instrumento para a condução argumentativa do texto, na negociação instaurada pelos interlocutores na interação.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, ed. 116, p. 7-30, 1999.

_____. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, n. Especial, p. 1-39, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1846/1460>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

_____. O estrato meta-enunciativo, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. O exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. Trad. Maria Cristina Batalha. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 33-63, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27906/o>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp,

1998.

_____. Representação do discurso outro e categorização metalinguagem. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Joice Armani Galli. In: CUNHA, Dóris de Arruda C. da Cunha; GRIGOLETTO, Evandra; Cortez, Suzana Leite (Orgs.) *Representação dos dizeres na construção dos discursos*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 17-36.

AMOSSY, Ruth. A argumentação no discurso. São Paulo: Contexto, 2018.

BOLSONARO confessa que era o mais ruim. [S. l.]: Tv Afiada, 2019. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3jxYQxJXfM8>. Acesso em: 12 mar. 2020.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. 2010. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8892/1/2010_tese_mapbrito.pdf>.

Acesso em: 18 jul. 2019.

_____.; FALCÃO, Maria Dayanne Sampaio; SOUZA-SANTOS, José Elderson. Apelo a um exterior: as alusões como estratégias argumentativas. *Revista de Letras*, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, v. 2, n. 36, p. 23-35, 2017.

_____.; CABRAL, Ályna Maria Fragoso; MORAIS, José Edileudo da Silva. O uso das aspas como recurso argumentativo - o apelo à voz do outro. *PERcursos Linguísticos*, Vitória. v. 7, n. 17, p. 105-120, 2017.

_____.; PINHEIRO, Carlos Eduardo. O estatuto argumentativo das não coincidências do dizer. In: Isabel Cristina Michelan de Azevedo; Eduardo Lopes Piris. (Org.). *Discurso e argumentação: fotografias interdisciplinares*. Vol. 2. 1ed. Coimbra: Grácio Editora, 2018, v. 1, p. 173-188.

DOQUET, C. ; CORTEZ, S. L. . Representação do discurso outro e escrita escolar: efeitos do contexto didático e da língua na produção textual de jovens franceses e brasileiros. In: CUNHA, D. A. C.; GRIGOLETTO, E.; CORTEZ, S. L. (Org.). *Representação dos dizeres na construção dos discursos*. 1ed. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 37-64.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REY-DEBOVE, Josette. *Le métalangage*. Étude linguistique du discours sur le langage.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CORTEZ, Suzana Leite

Paris: Armand Colin, 1978.

Recebido em 10/03/2020.

Aprovado em 31/05/2020.